

Daynara Lorena Aragão Côrtes

PALAVRAS

em verso e prosa

Aracaju-SE



2022



Todos os direitos desta edição reservados ao autor. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, com finalidade de comercialização ou aproveitamento de lucro ou vantagens, com observância da Lei de regência. Poderá ser reproduzido texto, entre aspas, desde que haja clara menção do nome dos autores, título da obra, edição e paginação. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Editoração
ArtNer Comunicação

Diagramação
Joselito Miranda

Capa
Roseilde Reis

Impressão
J Andrade

Côrtes, Daynara Lorena Aragão.

C828p Palavras em verso e prosa. /Daynara Lorena Aragão Côrtes.

- Aracaju: ArtNer Comunicação, 2022.

62p.:il.

ISBN: 978-65-88562-93-2

1. Literatura Sergipana
I - Título

2. Poema-Crônicas

CDU: 821.134.3(813.7) - 9

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária: Jane Guimarães Vasconcelos Santos CRB-5/975

Editora ArtNer Comunicação

Tel.: (79) 99131-7653 · editoraartner@gmail.com · artner.com.br

Dedico às pessoas que ousam sonhar.

UMA ESCRITA QUE SE QUER

Palavras em verso e prosa é uma obra cuja escrita se quer. Antologia? Poemas? Crônicas? Nomear não é a principal intenção. Apenas cabe dizer: estamos diante de uma escrita-vida. Lê-la é se deparar com a busca pela cor da palavra. Cor, palavras. Várias composições, arranjos. Quem escreve, aspira algo. Por consequência, nisto está o empenho de mexer com os sentidos das palavras e tecê-los, sem esquecer de ser ficção, à dimensão do real.

As composições são entremeadas do estético ao ético. O porto de partida são os campos intertextuais. Um mosaico de citações visto na referencialidade e abertura a outros textos, sejam da cultura ou da sociedade. Assim se montam a pulsão e a potência: possibilidade de um mundo humanizado e democrático em contraste com a imperfeição da realidade. Onde, então, projetar esse mundo ideal? No campo das ideias, ou melhor, no plano ficcional. E esta opção confirma o desejo pela cor da palavra, isto é, construções discursivas de perspectivas de um mundo melhor. Utopia? Precisamos delas para esperar. Não à toa, com a deambulação pelos versos e pela prosa, a esperança é a chave.

Nessa escrita que se quer, mire: aquilo que se fala. Do verso, o viés social. As mazelas sociais são tecidas com os fios da herança escravagista e seus resquícios no contexto atual. Por esse caminho, se sobressaem, como temas fundantes, a fome e a condição da mulher negra. A consequência disso é a repetição: memória e temporalidade. Seria um defeito de arranjo? Não! A repetição espelha o traço

do eu-lírico em movimento, deslocamentos... A temporalidade não é linear e sim circular, pois, nas idas e vindas, o passado (memória) é fonte de reflexão e composição de uma lógica outra. A repetição pode ser lida a partir do jogo com a própria palavra. Propõe-se: re-petição. Quer dizer, resistir e insistir no ato de pedir. Não um movimento de apenas caracterização das problemáticas sociais, mas, ao fazê-la, de projeção da esperança no amor como via possível de transformação.

Nessa escrita que se quer, mire: os modos de contar. Da prosa, a percepção do cotidiano. Enreda, pois, as histórias individuais dentro da história coletiva. Esta repleta de agruras pode ser resistida com aquelas. Com isso, faz-se o tom de esperança no eu-nós. A esperança não em palavras, mas alicerçada em palavras-ação, movimento de aprender a olhar. Não apenas enxergar, mas exercitar a capacidade de observar. Daí, mais uma vez, a repetição: água e rio. Parece defeito. Não é! A junção desses elementos caracteriza um sujeito ainda por se fazer. Ao contar as histórias, ele se vale do sentido de ir ao encontro da travessia, não como ida ao outro lado da margem e, sim, para dentro de si. No fim, com esperança, provoca identidades e imagens de identificação: infância, sertão, natureza.

Portanto... *Palavras em verso e prosa* tece um conjunto de significados e, ao aspirar à vida, lançam-se as várias leituras. Palavras não desistem de alcançar entendimento. Delas à ação. Elas a serviço da esperança. Nesse sentido, não em tom conclusivo, mas de continuidade, fica o convite à travessia – leitura da obra – como gesto de escrita-vida.

Jeferson Rodrigues dos Santos

Jeferson possui graduação em Letras Língua Portuguesa e mestrado em Letras Estudos Literários (PPGL/UFS). Atualmente, é doutorando em Letras (PPGL/UFS).

SUMÁRIO

POEMAS

ROLDÃO	11
FOME	12
[AO MST]	14
CANTO ÀS ÁGUAS DA ATALAIA	15
RETALHOS	17
CANTO DE PAZ	19
FLOR AUTÓCTONE	20
CUBA NEGRA	22
AMAR	24
OFERTA	26
CAIS	28
I	29
MOTIVO	31

CRÔNICAS

SEMENTE LANÇADA AO FUTURO	35
[AO MST]	37
INFÂNCIA À BEIRA DO RIO	40
A VIDA NO SERTÃO SERGIPANO	42
ONISCIÊNCIA SERTANEJA	45
O TEMPO	47
OUTRAS PARAGENS	48
MARGARIDAS	50
EM TEMPOS DE GUERRA	51
A LA CUBA	53
O TÍMIDO HERÓI	55
CÓDIGO DA ALCOVA	57
INTERRUPÇÃO	59

POEMAS



ROLDÃO

*“A arte de viver da fé / Só não se sabe fé em quê”
(Bi Ribeiro, Herbert Vianna e João Barone)*

O silêncio acusa temor
dos embaraços do mundo
embrulhados no estômago
amordaçado pela fome
do pão e da poesia

Repousam sobre
a terra prometida
o zinco e a seda
destinados aos
diferentes grupos

Alguns poucos
dormem o sono cínico
Outros muitos
aliviam as dores trapiches

Centelhas no mesmo fogo
cruel que incendeia
corpos desalinhados
humilhados e esquecidos
perseguido a alforria

09/08/2021

FOME

Ao “poeta do povo”: Solano Trindade

Pelas ruas da cidade-engenho,
os cinzentos muros arquitetam
uma paisagem que reflete
o íntimo homem moderno.

A miséria socializada,
andarilha dos vagões,
incomoda o estômago oco
da menina negra peregrina
a vagar entre multidões.

O poeta observa.

A vasculhar os latões,
fuça até achar qualquer
resíduo que sacie ausência.

Ausência do manjar posto à mesa,
da família à espera do abraço,
da escola posta ao acolhimento,
dos sonoros amigos em tardes frescas.

Pessoas sem fisionomia,
em paleta,
caminham em ritmo acelerado,
enquanto a menina vagueia.

O poeta aproxima.

Assustada, corre.
Ela não sabia.
O poeta sem nome padecia
de igual incômodo:
a fome.

14/05/2019

“Fome”: poema selecionado no concurso de
poesia da Absurtos Editora (Taboão da Serra/SP)
em 2019.